

# Estudantes em luta: formações discursivas dos jovens hiperconectados contra a reorganização das escolas no Estado de São Paulo

## Students' fight: discursive formations of hyperconnected young people against the reorganization of schools in the State of São Paulo

**Danilo VIZIBELI\***  
UFSCAR

Doutorando em  
Linguística pela  
Universidade Federal  
de São Carlos. Email:  
danielovizibeli@  
gmail.com

**Resumo:** No final de 2015, o governo do Estado de São Paulo lançou um projeto, conhecido como “Reorganização Escolar das Escolas Públicas”, que consistia em agrupar alunos nas escolas públicas por ciclos, conforme faixas de idade, promovendo mudança na organização, no sistema e na gestão das unidades. Os estudantes se revoltaram e foram à luta contra a proposta devido a diversos pontos contrários: o aumento da distância a percorrer para se chegar ao local de estudo, cortes de verbas na educação, aumento de alunos nas classes já lotadas e vários outros. O movimento ganhou voz nas redes sociais e uma luta de jovens hiperconectados reverberou em diversas ações e de outro lado foram reprimidos com coações policiais tramando uma guerra que trouxe materialidades verbais e não-verbais por meio do jogo com a linguagem, numa trama dos sentidos, o jogo do simbólico e do político. O artigo tem como objetivo principal analisar, na ótica da Análise de Discurso pecheuxiana, as formações discursivas dos estudantes secundaristas em luta, através da circulação de imagens nas redes sociais. Para fechamento de um corpus a ser recortado, atentou-se para as páginas na rede social Facebook: *Não fechem minha escola*, *Secundaristas em luta* e *Canal Secundarista*. As análises mostraram que a luta dos estudantes secundaristas ganhou um caminho próprio pelas redes sociais e que o intercruzamento de diversos discursos e campos discursivos como a educação, a política, a democracia, marcaram o posicionamento do sujeito desta luta num jogo entre paráfrase e polissemia, retomando muitas vezes atos e ações que foram presentes na história política brasileira, como é o caso dos tempos da ditadura militar. No entanto, o deslocamento de atos e ações para um objetivo de reivindicação de direitos na educação transforma os dizeres e os seus sentidos postos em circulação num movimento interpretativo.

**Palavras-chave:** Discurso. Reorganização escolar. Estudantes secundaristas.

**Abstract:** In 2015, the state government of Sao Paulo launched a project known as “School Reorganization of Public Schools” which was to group students in public schools in cycles, as age groups, promoting change in the organization, system and unit management. Students rioted and went to fight against the proposal because of several contrary points: increasing distance to go to reach the place of

study, budget cuts in education, classes increase even more crowded and several others. The movement gained voice on social networks and a hyperconnecte young student reverberated in several actions and on the other hand were repressed with police coercion plotting a war that brought verbal and nonverbal materialities by playing with language in a plot of the senses, game symbolic and political ones. The article aims to analyze into the perspective of discourse analysis of Pêcheux, discursive formations of high school students struggling through the images on social networking movement. For closing of a corpus to be cut, he looked to the pages on the Facebook social network: Do not close my school, Secondary School in fighting and Canal secondary school. The analysis showed that the struggle of high school students earned their own way through the social networks and the interbreeding of various discourses and discursive fields such as education, politics, democracy, marked the position of the subject of this struggle in a game between paraphrase and polysemy, resuming often acts and actions that were present in Brazilian political history, such as the times of military dictatorship. However, the displacement of acts and actions for a goal right claims in education transforms the words and their meanings, put into circulation an interpretative movement.

**Keywords:** Discourse. School reorganization. High school students.

## **Movimento de luta, movimento de discursos**

Quem somos nós hoje? Imersos numa rede gigantesca de possibilidades, somos levados a posições diversas, somos tomados em nossa incompletude enquanto sujeitos. E na visão, aqui apresentada, sujeitos discursivos. Numa metáfora do labirinto e dos “nós, desconhecidos, na grande rede” (ROMÃO, 2004), refletindo sobre a tecnologia e as práticas do mundo digital que são perpassadas pelo imaginário social, as relações de poder e a ideologia, o movimento da luta dos estudantes secundaristas contra a reorganização das escolas públicas proposta pelo Governo Alckmin, no Estado de São Paulo, se espalhou pelas redes sociais. O jovem hiperconectado mostrou-se atuante politicamente, o que é perceptível em seus dizeres que circulam na rede e no discurso que carrega construindo um arquivo sobre a questão na movência dos sentidos.

No final de 2015, foi lançado pelo governo do Estado de São Paulo um projeto que ficou conhecido como “Reorganização Escolar das Escolas Públicas” que consistia em agrupar alunos nas escolas públicas por ciclos, conforme faixas de idade. Os estudantes se revoltaram e foram à luta contra a proposta, devido a diversos pontos contrários, como o aumento da distância a percorrer para se chegar ao local de estudo, cortes de verbas na educação, aumento de alunos nas classes já lotadas e vários outros.

No dia 22 de setembro de 2015, antes mesmo de ser notícia pelos meios oficiais do governo, o jornal Folha de São Paulo veiculou a manchete: “SP

vai transferir mais de 1 milhão de alunos para dividir escolas por séries”. Logo em seguida, no dia 30 de novembro de 2015, é publicado o decreto n. 61.672 que “Disciplina a transferência dos integrantes dos Quadros de Pessoal da Secretaria da Educação e dá providências correlatas”. Na percepção de tal acontecimento, busca-se aqui analisar, na ótica da Análise de Discurso pecheuxiana, as formações discursivas em que se inscrevem os estudantes secundaristas em luta, através da circulação de imagens nas redes sociais. O artigo se volta não para o movimento em si, mas para os links, conexões e movimentações articuladas pela internet que geram a luta e deslocam em circulação dizeres de outros campos que até então não eram vistos na educação, principalmente por parte dos alunos

O corpus constitui-se das páginas do Facebook *Não fechem minha escola* (<https://www.facebook.com/naofechemminhaescola>); *Secundaristas em luta* (<https://www.facebook.com/luta.secundas>) e *Canal secundarista* (<https://www.facebook.com/canalsecundarista>), entre 23 de setembro e 4 de dezembro de 2015.

No movimento desta luta que se marca num momento crítico da política brasileira, deslocamos nossa percepção para o movimento dos discursos que marcam esse acontecimento social. A Análise de Discurso Francesa se dá no batimento entre teoria e análise; no olhar o corpus, o analista retoma a teoria e assim sucessivamente. Nestas palavras iniciais já nos antecipamos em enxergar nosso material de estudo, mas ao mesmo tempo lançamos as bases em que consistirá a análise nos tópicos seguintes.

Para a Análise de Discurso “(...) o discurso deve ser tomado como um conceito que não se confunde nem com o discurso empírico sustentado por um sujeito nem com o texto, um conceito que estoura qualquer concepção comunicacional da linguagem” (MALDIDIER, 2003, p.23). O discurso é o “efeito de sentido entre interlocutores” (ORLANDI, 2009, p.15) e é ainda o dito em seu contexto, a construção do sentido, o per-curso.

Ao se pensar em Análise de Discurso, entram em jogo as condições de produção do discurso, a exterioridade da linguagem e o mito da completude e da neutralidade dos sujeitos e da língua. Como mostra Maldidier (2003, p.23), fazendo um percurso da historicidade do campo teórico da Análise do Discurso, “a referência às condições de produção designava a concepção central do discurso determinado por um “exterior”, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui”.

O sujeito e os sentidos se constituem por meio da ideologia. “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. (ORLANDI, 2009, p.46). A materialização da ideologia e dessa interpelação do sujeito se dá pela linguagem. “E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”. (ORLANDI, 2009, p.25). É no jogo dos discursos – os quais são carregados pela ideologia – que os sujeitos se constituem. A

construção discursiva se dá perante as condições de produção do discurso, levando-se em conta o contexto sócio-histórico-ideológico.

Para Pêcheux, o discurso não se separa da ideologia e não se pode conceber o discurso sem o sujeito e é por isso que tal noção torna-se ponto fundamental nos estudos discursivos de Pêcheux. De acordo com Gadet (2010, p.9), “para ele [Pêcheux] é impossível a Análise de Discurso sem sua ancoragem em uma teoria do sujeito, tema que também deve ser visto como um lugar problemático, que deve ser constituído”.

Portanto, para definir o que é discurso é preciso pensar no que é a língua, o que é o sujeito (marcado pelo inconsciente e pela ideologia) e o que é a história (ou a historicidade) que marcam um processo interpretativo de construção dos sentidos podendo-se configurar a Análise de Discurso como uma disciplina da interpretação.

Ponto comum entre os estudiosos do discurso é que nenhum sujeito está isento da interpretação. Como diz Orlandi (2009, p.9) “não temos como não interpretar”. Ao inter cruzar História, Psicanálise e Linguística, o que Pêcheux percebeu, ao delimitar o objeto da AD como sendo o discurso, é que a interpretação realizada pelo sujeito não acontece isenta da ideologia. Não há discurso sem ideologia, ou todo sentido é ideológico. Assim, na visão pêcheuxtiana, a ideologia interpela os sujeitos, os quais produzem sentidos. Então, o sentido nunca é neutro. Essa inscrição do sujeito em um sentido e não em outro é o que se chamou formação discursiva.

Chamamos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). (PÊCHEUX, 2009, p.147)

É a ideologia em atuação no sujeito que marca o que pode e deve ser dito. Mas, o sujeito interpreta, processo este que nunca é totalmente neutro, livre. A luta de classes é o viés da História que Pêcheux traz para a AD e por isso há essa “desigualdade” no sujeito, nunca autônomo, nunca dono (total) do seu dizer. Mas é na Língua que se marca a interpelação ideológica do sujeito. Este foi o grande feito de Pêcheux, trazer para a Língua, no viés da Linguística, a materialidade dos enunciados, por meios dos quais é possível mostrar o processo de dominação ideológica sobre os sujeitos. É esse o exercício do analista diante do corpus, deixar vir à tona as contradições que o processo interpretativo apresenta. Em seguida ao trecho citado acima, Pêcheux ainda confirma:

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são

“interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 2009, p.147).

Nesta condição, Orlandi (2012), em “Discurso e texto”, traz a textualidade que exemplifica essa condição da manifestação da ideologia sobre o sujeito, já que no material textual se dá a evidência do discurso. A teórica escreve: “o que faz efetivamente a Análise de Discurso: ela interroga a interpretação” (ORLANDI, 2012, p.22). E completa:

Na realidade, não há um sentido (conteúdo), só há funcionamento da linguagem. No funcionamento da linguagem, como veremos, o seu sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição. O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá. A ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade. (ORLANDI, 2012, p.22).

Recorrendo a uma metodologia própria que se desenvolve dentro da AD nos períodos mais recentes, Orlandi (2012) pontua que os processos de produção do discurso implicam três momentos, a saber:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias específicas e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2012, p.9)

Da constituição do discurso, que está no campo da memória, segue-se a formulação, que é atualização do discurso, e a circulação. O movimento discursivo se faz nas condições, no contexto sócio-histórico, em que os sentidos circulam e se inter cruzam e é por isso que este movimento só é possível devido a um “conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”. (ORLANDI, 2012, p.85). Cabe ao analista do discurso descrever tais condições de produção.

Este movimento da produção discursiva em que o discurso se constitui, se formula e circula é que dá o movimento dos sentidos e seus efeitos. Vendo desta forma a importância do trabalho com a língua e com a história, pontua Orlandi que:

Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim

palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2009, p.15).

Fecha-se, com isso, que o objeto da Análise de Discurso é o discurso, o qual é entendido como efeito de sentidos. A produção discursiva em si dá-se na constituição, formulação e circulação dos discursos. Estas acontecem a partir do momento em que a ideologia interfere no processo de interpretação e faz com que o sujeito se inscreva em uma dada formação discursiva.

Tecidos esses incrementos de teoria, a materialidade que temos em mão – as páginas específicas do Facebook – mostra o discurso dos manifestantes, que são estudantes; mostra ainda a sua relação com os movimentos estudantis que sempre surgiram no viés da história mundial e do Brasil – aqui, principalmente nos anos de Ditadura Militar –, discurso que é ressignificado devido às suas novas possibilidades de circulação. Isso só é possível no jogo com a contradição. Para todo discurso há um contra-discurso. Todo discurso carrega consigo outros discursos. É debate. Esta materialidade que nos chega não é a mesma dos tempos da Ditadura Militar, instaurada em 1964, quando os objetos de circulação dos textos (e dos discursos) eram panfletos, quando muito, ondas de rádios, peças de teatro e tantas outras formas de comunicação. Hoje, circulam, na tessitura deste movimento estudantil, gigabytes de informação que são conectados, acessados e espalhados em led, plasmas de cristal líquido, smartphones, tablets, notebooks e, para quem queira: um *personal computer* (PC) tradicional. Os jovens que se manifestam nas ruas são nativos digitais, que tecem conexões, nós, entrenós, vastos, rastos, caminhos cruzados e alternados e que se misturam a tantas outras lutas que acontecem no espaço virtual. Falemos mais deles.

## **Hiperconexão que gera luta, um sujeito discursivo nas malhas do digital**

Conectar-se e espalhar os dizeres são algumas das possibilidades que a internet e, principalmente, as redes sociais propiciaram. Nesse caminho, a luta dos estudantes secundaristas vai se movendo, perambulado pelos labirintos da virtualidade e os jovens hiperconectados se organizam em lutas que ganham as ruas, marcam o debate e instauram um espaço polêmico de discussão que mostra que “a internet abre espaço para se pensar a emergência de novas posições-sujeito, de discursos e contra-discursos, de sentidos de dominação e resistência, que se enrodilham em espirais movimentadas”. (ROMÃO, 2004, p.74).

Para Orlandi, o interdiscurso:

É definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o

já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2009, p.31)

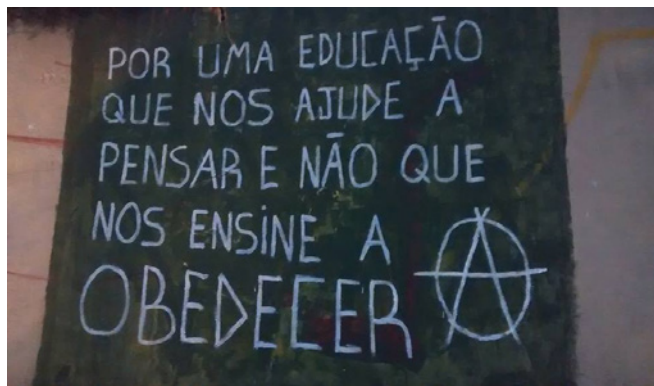
Pensando com a autora, as primeiras imagens que são submetidas ao movimento de análise trazem os dizeres: “Pai afasta de mim esse Alckmin” e “Por uma educação que nos ajude a pensar e não que nos ensine a obedecer”. Ao mesmo tempo em que a luta se marca, o movimento discursivo faz circular discursos advindos da era da ditadura militar, em que “Pai afasta de mim esse cálice”, trazia, na canção de Chico Buarque, a polissemia do jogo com o “cale-se” da ditadura.

Imagem 1: *Pai, afasta de mim esse Alckmin*



Fonte: <http://www.itapiranews.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Ocupa%C3%A7%C3%A3o-Escolar-Itapira-1.jpg>???, com postagem temporária na *Página Canal Secundarista*

Imagem 2: *Por uma educação que nos ajude a pensar*



Fonte: *Página Canal Secundarista*. Link de acesso: <https://www.facebook.com/canalsecundarista/photos/a.1029706307059638.1073741825.1029704640393138/1036006023096333/?type=3&theater>



Após a notícia de que as escolas de São Paulo seriam reorganizadas ganhar a mídia, os estudantes, assim como professores em greve, numa retomada de ato simbólico, foram para as escolas e “daqui não saio enquanto não reverter essa situação”. Isso por quê? Porque implicitamente à reorganização das escolas (redistribuição das séries de mesmo ciclo em escolas específicas) emergiam manobras governamentais e resultados um tanto questionáveis, como corte de verbas na educação, fechamento de algumas escolas e demissão de funcionários e docentes não efetivos. Uma escola, por exemplo, que antes da ocupação agrupava do 6º ano do ensino fundamental ao 3º do ensino médio, poderia passar a agrupar somente o nível fundamental. Os demais estudantes do ensino médio teriam que se deslocar para outras escolas.

Nas ocupações das escolas pelos estudantes secundaristas, os jovens acamparam nas escolas e, num mutirão de ideias e ações, promoveram limpeza de pátios e salas, pinturas, enfim reformas que acompanharam o idealismo em prol do não fechamento da escola onde estudam, onde querem ver acontecer a democratização do ensino. Mas, os estudantes em luta em São Paulo foram combatidos por uma polícia que usou de toda a sua força repressora para agredir, prender e intimidar jovens. Desse modo, de um cenário de luta de estudantes se desloca para um cenário de guerra. A luta de estudantes começa a partir do momento em que se tem uma causa, que é lutar contra as modificações no ensino no Estado de São Paulo, com a reorganização de escolas. Essa causa começa a ser requisitada por meio de manifestações e protestos chamados de ocupações das escolas públicas que seriam fechadas. Porém, a partir do momento em que a polícia começa a intervir buscando atingir os objetivos do governo, que é esvaziar as escolas e dar cumprimento à reorganização, é usada a força física e repressora, e não só por parte da polícia, mas também dos manifestantes, havendo agressões, uso de bombas e artefatos. Pode-se perceber então que a guerra é instaurada e que não só o jogo político e ideológico se coloca no embate, mas o combate corpo-a-corpo na militância armada e combativa. O que era um simples movimento pacífico de estudantes politizados e combatentes se transforma em uma guerra política, que coloca em movimento instituições como a polícia, o Estado, partidos políticos e tantos outros. E, por isso, instaura uma discursividade em tons de acontecimento discursivo, pois o jovem do século XXI até então não participava de confrontos políticos e ideológicos.

Na outra imagem, o efeito de antítese entre “ajude/ensine” e “pensar/obedecer” faz com que o viés político da luta se marque, porque os estudantes não estão lutando apenas contra um fato em si, mas contra toda uma conjuntura de dominação, subordinação, o que se faz pela repetição de sentidos – jogo parafrástico – que se relaciona a uma formação discursiva anarquista, que carrega a oposição ao discurso do Estado, instaurando “novos” sentidos decorrentes de outras formas de dizer. Essas outras formas de dizer que marcam a inscrição numa FD anarquista são possíveis de observar por



meio da circulação nas redes sociais a partir da recontextualização como músicas da época da ditadura, aforismos, e a metáforização da escola como o campo de batalha da sociedade moderna. A partir desses diversos acontecimentos, a escola passou a ser o lugar mais propício para que a sociedade seja representada e ouvida nas suas reivindicações a partir de sujeitos que são eleitores, cidadãos e que devem participar da democracia brasileira. O Anarquismo pode ser entendido como:

(...) o movimento que atribui, ao homem como indivíduo e à coletividade, o direito de usufruir toda a liberdade, sem limitação de normas, de espaço e de tempo, fora dos limites existenciais do próprio indivíduo: liberdade de agir sem ser oprimido por qualquer tipo de autoridade, admitindo unicamente os obstáculos da natureza, da “opinião”, do “senso comum” e da vontade da comunidade geral — aos quais o indivíduo se adapta sem constrangimento, por um ato livre de vontade. (BRAVO, 1998, p.23).

Por isso, o deslocamento entre os verbos “ajudar e pensar” e “ensinar e obedecer”, deixa entrever essa inscrição na FD anarquista, que traz o desejo dos estudantes da mínima intervenção do Estado nas formas de se organizar a Educação. Enquanto “ajude a pensar”, reitera uma autonomia do sujeito que é livre para ter suas expressões político-partidárias, o “ensine a obedecer”, reitera a submissão do sujeito nas mãos das forças políticas partidárias e a negação de uma sociedade embasada no viés anarquista.

É a inscrição em formações discursivas específicas que exhibe o sujeito em luta. Isso se mostra em Orlandi quando escreve: “a paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer” (2009, p.34). Os atos de agressão que aconteceram durante o movimento de ocupação, perceptíveis em diversas postagens das páginas analisadas e na Imagem 3, trazida abaixo, que é marcada por posicionamento de tropas de choque militares em atitude de combate, marcam atos de autoridade e que fazem um retorno a atos de violência de Estado, praticados nos idos da ditadura militar no Brasil, o que marca um movimento parafrástico. Tal movimento pode ser observado quando são trazidos à mídia on-line dizeres que circularam na Ditadura Militar, como por exemplo “Pai afasta de mim esse cálice”, que é ressignificado para “Pai afasta de mim esse Alckmin”, no qual a paráfrase e a polissemia andam juntas. O que está em questão ao afastar o “cálice/cale-se” ou “este Alckmin” é a liberdade de se expressar e, principalmente, direitos negados em ambas as situações, tanto direitos políticos, quanto educacionais. Mas, por estarem inscritos num outro momento, numa outra ação, que alimenta um movimento reivindicatório por direitos na educação, os discursos se pautam nos deslocamentos e rupturas, característicos da polissemia. Como aponta Orlandi (2009, p.34): “E é nesse jogo entre paráfrases e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem percursos, (se) significam”.

Desse link, dessas duas imagens, saltamos para outras e outras, e outras... Como é próprio do movimento de redes sociais e aqui no caso, o Facebook, ao navegar pelas postagens aí publicadas é comum que sejam apresentados links que levem a outros endereços eletrônicos. E foi o que aconteceu na pesquisa, nesse ir e vir das páginas do Facebook, por meio de alguns posts nas páginas citadas, chegou-se ao site *Jornalirismo* (<http://www.jornalirismo.com.br/tag/ocupacao-escolas-sp>). Este é um site endereçado da cidade Senador Alexandre Costa (MA), e tem como mote “Jornalirismo: conteúdo é poesia e risco”, um jeito diferente de noticiar. São micronotícias, escritas com poeticidade e lirismo. Sobre as ocupações das escolas em São Paulo, foi publicada a imagem 3, abaixo, com o seguinte texto: “Ocupados: Contra governos autoritários, contra políticos corruptos, contra empresas gananciosas, contra tudo que nos ameaça o futuro justo e bom. Contra quem nos furta, nos rouba e nos mata, impunemente. Ocupar e ocupar-se do que nos pertence, por direito.”

Este nó na grande rede revela possibilidades dos dizeres que remontam à época do jornalismo literário em que os jornais eram mais poéticos e até opinativos. A internet abre essa possibilidade, ressignificando a prática e promovendo uma interlocução de sentidos. Para Eco (2003), “a internet é o sistema geral de todos os hipertextos existentes” (p.3). Um hipertexto pode ser considerado um texto maleável, em que há o salto de uma janela para outra, ligando diversos nós. A espiral da internet é um fluxo contínuo com informações disparadas em multipontos sem uma estrutura fixa. “Seu modelo é menos uma linha reta do que uma verdadeira galáxia, onde todos podem captar nexos inesperados entre estrelas diferentes para formar uma nova imagem celestial em qualquer novo ponto de navegação” (ECO, 2003, p.3). As maneiras de ler são alteradas na hipertextualidade e ressignificadas.

Imagem 3: *Geraldo sai.*

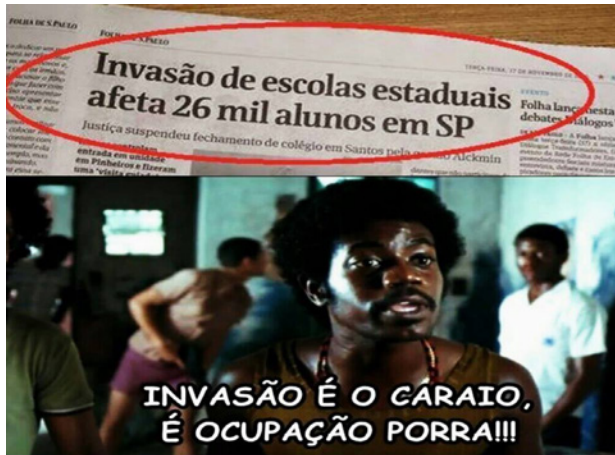


Fonte: <http://www.jornalirismo.com.br/tag/ocupacao-escolas-sp/>

O lirismo da notícia se faz não só na legenda, mas na foto em que a cor amarela do cartaz e a posição do menino de costas para a “tropa de elite”, e se ele virasse? Um contraste da cor amarela – luz, iluminação, clareza – contra o negro da tropa de choque. Na frase do cartaz – “Geraldo sai, minha escola fica” – a luta está marcada no discurso da contestação, na luta política, marcando a inserção em um campo discursivo político pelo qual é possível destacar a formação discursiva da democracia. O garoto ou a garota que está segurando o cartaz amarelo está sendo observado pela tropa de choque. Mesmo que haja o controle do Estado, a democracia é possível, já que a manifestação acontece. Contestar é aqui um ato de ousadia. A repressão (tropa de choque) e a liberdade (sujeito com o cartaz) se colocam em embate, mesmo que na prática ele não aconteça (a polícia está ali somente para prevenir qualquer ato que culmine em violência por parte dos manifestantes). Porém, por ser uma fotografia que circula nas redes sociais, o discurso se constitui, fazendo com que, recortada de um contexto maior, a imagem signifique posições de sujeitos e discursos antagônicos.

Um outro recorte mostra uma colagem em que, seguido da manchete “Invasão de escolas estaduais afeta 26 mil alunos em SP”, tem-se o enunciado “Invasão é o caraio, é ocupação porra!!!”. Há aí efeitos de sentido de ruptura com a mídia dominante (ROMÃO, 2009).

Imagem 4: *Invasão é o caraio*



Fonte: [http://3.bp.blogspot.com/-13FuATJZ7Co/VlyFidm\\_tvI/AAAAAAAAAT2I/n1DWwmbSRx8/s400/12247158\\_1030555823641353\\_8740135347824805183\\_n.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-13FuATJZ7Co/VlyFidm_tvI/AAAAAAAAAT2I/n1DWwmbSRx8/s400/12247158_1030555823641353_8740135347824805183_n.jpg), com postagem temporária na Página *Não fechem minha escola*

Enquanto para um jornal de grande circulação os alunos são afetados por não ter aula, devido às manifestações, para o movimento estudantil é a atitude do governo que gera a falta de aulas, o descaso com a educação. Sentidos em embate, contestação e formações ideológicas divergentes,

tudo isso disseminado através da mídia eletrônica (redes sociais), em que é possível interferir no corpo do texto do jornal, dando voz ao sujeito que fora apagado. Antes da revolução tecnológica da internet também era possível interferir – mandar uma carta para o jornal, por exemplo – mas isso demorava mais tempo e as possibilidades eram limitadas. Hoje, interfere-se no mesmo momento, luta-se, combate-se. “O texto eletrônico (...) é móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades das quais se apodera”. (CHARTIER, 2002 apud ROMÃO, 2004).

Por fim, no dia 30 de novembro de 2015, uma foto com os estudantes parando o trânsito sobre cadeiras de carteiras escolares é postada após o seguinte texto:

**SE A ESCOLA FECHAR, A CIDADE VAI PARAR!**

Os estudantes tão avisando: se o governo não recuar e abrir o diálogo, a cidade vai parar!

Enquanto eles querem guerra, a gente quer aula, aula de qualidade, uma escola pública decente, uma educação melhor, salas menos lotadas... E vamos continuar lutando por isso! #contraareorganização.

Imagem 4: *Hoje a aula é na rua*



<https://www.facebook.com/luta.secundas/photos/a.774610605994457.1073741828.774315626023955/777917908997060/?type=1&theater>

Os dizeres circulam na rede e o discurso que eles carregam constrói um arquivo sobre a questão em que temos uma movência dos sentidos postos em circulação de outros campos que até então não eram vistos na educação, principalmente por parte dos alunos. Greves e movimentos sociais sempre foram comuns, mas na maioria das vezes partindo dos professores. Agora temos os seguintes dizeres: OCUPAÇÃO, ESTUDANTES EM LUTA, AULA NA RUA, IDEIAS À PROVA DE BALAS. São inúmeros efeitos de sentido vindos dos movimentos sociais, como, por exemplo, dos trabalhadores sem-terra em busca de seus direitos. Os adolescentes são sempre tratados como indisciplinados, bagunceiros, alienados e na luta pelas redes sociais eles desobedecem a uma ordem para mostrar justamente o contrário. A constituição do sujeito discursivo por meio do jogo político é enfática, mostrando que o jovem é um atuante político.

A luta vai se conectando em nós e em links. “A fragmentação dos sentidos, o efeito de descontinuidade (e continuidade) e a dispersão do sujeito. Os nós, em que os sujeitos se prendem nessa teia, são tão complexos quanto a conexão entre links na galáxia-internet” (ROMÃO, 2004, p.88, grifo nosso).

Nesta luta do estudante secundarista é possível perceber diversos olhares para uma mesma questão. Foi exposta nas análises apresentadas acima a luta dos estudantes contra a reorganização, porém, na possibilidade dos dizeres na internet, há também o movimento a favor da reorganização, como no post “Alunos a favor da reorganização reagem contra ocupações em Guarulhos”, trazendo junto o enunciado “Devolve minha escola”. De quem é a escola? A escola é de todos. O pronome possessivo “minha” tem uma carga autoritária e ao mesmo tempo os dizeres que acompanham o *post* são de pessoas ligadas a organizações favoráveis ao governo. As leituras vão se interligando, juntando aqui e acolá publicações que tecem uma colcha de retalhos que costuram os sentidos da luta, da contra-luta de todas as posições-sujeito possíveis. “Assim, o ciberespaço instaura várias questões (nunca dantes navegadas) para os estudos da linguagem, a saber: a nova forma e estrutura da textualidade eletrônica com a multilinearidade (infinita) das direções de leitura (ROMÃO, 2004, p.75).

E diríamos: múltiplas direções de LUTA. Resta dizer que a reorganização escolar foi combatida pelo jovem hiperconectado. E como anuncia a imagem final, abaixo, “Esse foi só um recado da força que o estudante tem”. Tomando a palavra força como o movimento discursivo que se instalou nas redes e nas ruas.



Imagem 5: *Esse foi só um recado*



Fonte: <http://img.dgabc.com.br/Imagens/2015122283537.jpg>, com postagem temporária na página *Secundaristas em Luta*

### **Sem ponto final, considerações sobre a constante luta discursiva entre sujeitos**

Não há como registrar um ponto final quando se trata de acontecimentos na internet e redes sociais. Chegará um dia em que a solução para as reivindicações dos estudantes terá um desfecho. Por ora, a questão está em suspenso, pois a força dos estudantes conseguiu ao menos suspender a reorganização escolar (e não ainda revogar como querem os estudantes) e fazer com que o governo cedesse a “dialogar” com as comunidades escolares, o que não ocorreu no início da decisão do projeto. Com isso feriu-se um preceito constitucional sobre a educação no Brasil que pede a gestão democrática dos estabelecimentos de ensino. O que nos chama a atenção é que, mesmo quando esta questão chegar ao fim, ela não se esgotará nos meandros da internet, pois desta podem surgir outras lutas, outros debates e os nós da virtualidade passam para a realidade ao gerar interconexão de ideias e ações.

A mesma rapidez que tem a internet para apresentar os assuntos, fazer a luta ganhar corpo, ela tem também para se liquefazer e se dissolver colocando nos escaninhos da memória algo que já foi veemente falado e discursivizado. Porém, é difícil apagar ao todo os efeitos e os ecos que as tomadas de posição dos sujeitos imbricados nessas teias marcaram. Lá num site escondido sempre reside um resquício daquilo que por ora esteve diariamente nas timelines do Facebook.

A linguagem é sempre complexa. Todo dizer significa. A língua faz sentido porque se inscreve na história. As publicações no Facebook mostram possibilidades textuais e discursivas diferentes, pois a maioria dos textos são acompanhados de imagens, num sincretismo do verbal com o não-verbal.



Registrar uma foto e ao mesmo tempo editá-la, acrescentando-lhe um dizer de luta, de contestação é algo trivial nas comunicações on-line das redes sociais. Assim, dotado dessa força de ecoar seus dizeres de forma representativa e que fortalece a luta, o estudante utiliza as ferramentas tecnológicas que tem para se expressar e com isso traz na sua linguagem discursos de outras posições-sujeitos que se movem no viés da história.

Quando aconteceram as lutas e contestações durante o período de Ditadura Militar no Brasil iniciado com o Golpe de 64, a quase totalidade dos estudantes secundaristas não era ainda nem nascida. Na atualidade, ao adentraram nas manifestações a favor de melhores escolas, de ensino público de qualidade, eles retomam as formações discursivas de acolá. Isso porque a formação discursiva irrompe no tempo e não se desfaz, ela fica arquivada na memória discursiva de um povo e sempre que possível é retomada. Essa reativação da memória sócio-histórico-ideológica e assim discursiva, é feita pelos aparelhos ideológicos de estado (ALTHUSSER, 1999): a escola, a igreja, a imprensa, as artes, como exemplos.

Sem fixar ponto final, trazemos aqui uma possibilidade de discussão. Ampliar ou diminuir este debate cabe a cada sujeito político inserido na trama. “Estudantes em luta” é, por si só, a formação discursiva maior dos movimentos de ocupação das escolas. Seguidas por outras como ocupação, resignificação dos conceitos de aula, ensino, luta, registram um acontecimento discursivo partindo do social, pois traz reconfigurações de outros campos discursivos para o acontecimento social em questão. Com isso, num momento propício, repercute contra a tentativa de uma coação da educação, de interdições dos sentidos, em que até se tenta acabar com disciplinas como Sociologia e Filosofia, sendo estas uma conquista pós-ditadura e da democracia. Para isso é preciso se conectar, reconectar, e hiperconectar nós, numa atitude de definir quem somos nós hoje, lutar!

## Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BRAVO, G. M. Anarquismo. In: BOBBIO, N; MATTEUCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Trad. Carmen C. Varriale et. al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ECO, U. **Muito além da internet**. Disponível em: [http://www.ofaj.com.br/textos\\_conteudo.php?cod=16](http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=16). Acesso em: 30 dez. 2016

GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani et. al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MALDIDIER, D. **A inquietude do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ROMAO, L.M.S. Arquivo em cena: “im-pressões” de leitura sobre o tema. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 123-134, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.upf.br/ser/index.php/rd/article/view/1377/855>

ROMÃO, L. M. S. Nós, desconhecidos na grande rede. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 71- 91, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/6%20art%204.pdf>

Recebido em junho/2016.

Aceito em outubro/2016.